

MILITARISMO-POPULISMO E SEUS REFLEXOS A PARTIR DA EDUCAÇÃO

GREICE MARTINS GOMES

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul,
Brasil

RESUMO: Utilizando-se da Análise Crítica do Discurso, este estudo investigou os efeitos do acoplamento do Bolsonarismo com o militarismo a partir da forma como professores e militares são representados em textos relativos ao Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim). Os resultados evidenciam como se dá a sobrevalorização da imagem dos militares como defensores de um ideal de pátria e nação acompanhada de modos de desvalorização dos professores caracterizados como desviantes de seu fazer técnico-profissional. Como demonstra esta pesquisa, tais formas de representação produzem efeitos práticos na dinâmica escolar ao mesmo tempo que disseminam conteúdos ideológicos antipluralistas, moralistas e anticientificistas a partir destes locais.

PALAVRAS-CHAVE: Populismo; Militarismo; Análise Crítica do Discurso; Educação.

INTRODUÇÃO

Em abril de 2016, no momento em que o Congresso votava pelo afastamento da presidente Dilma Rousseff, o então deputado, Jair Bolsonaro provocou polêmica na grande mídia e nas redes sociais ao prestar homenagem a Carlos Alberto Brilhante Ustra, o primeiro militar que foi reconhecido pela justiça brasileira como torturador e a quem o parlamentar referiu-se, mais de uma vez, como sendo um “herói nacional” (Mazui, 2019).

Esse evento revela sobre parte de um apelo político de viés militarista que viria a se constituir como aquilo que convencionamos chamar de Bolsonarismo. O Bolsonarismo pode ser interpretado como um populismo de direita radical (Mudde, 2019) que se consolidou no Brasil, enquanto forma de governo, entre 2019 e 2022 após Jair Bolsonaro ter sido eleito presidente nas eleições de 2018.

Populismos desse tipo costumam atacar as democracias liberais à medida que se opõem ao direito das minorias e às instituições independentes que buscam proteger esses mesmos direitos (Mudde, 2019). De modo que o caráter autoritário, antidemocrático e reacionário de movimentos desse tipo (Lynch; Cassimiro, 2022) pode colocar em ação um conjunto de desafios, também, ao campo da educação.

Considerando esses aspectos, o presente artigo examina o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim) que adota um modelo de gestão misto, as chamadas Escolas Cívico-Militares (Ecim), as quais mesclam características de colégios militares e de escolas públicas civis. De diversas maneiras, o governo Bolsonaro promoveu o Pecim e a militarização das escolas como uma política pública para todo o país.

Esse estudo parte da proposição de que a compreensão sobre o papel de uma educação engajada no fortalecimento de um projeto democrático de sociedade passa, também, por desvelarmos os conteúdos ideológicos que governos desse tipo buscam legitimar socialmente. Para analisar e discutir esses aspectos utilizou-se a Análise Crítica do Discurso (ACD) com base na proposta de Theo Van Leeuwen (2008). Para esse autor a

compreensão daquilo que passa a ser socialmente legitimado e os efeitos práticos disso podem ser apreendidos investigando-se os modos como os atores sociais são representados textualmente. Assim, essa pesquisa parte da seguinte questão: o que a representação de atores sociais envolvidos no Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim) revela sobre conteúdos ideológicos derivados do acoplamento do Bolsonarismo com o militarismo e quais efeitos práticos disto?

Esta pesquisa busca contribuir com a reflexão quanto aos conteúdos ideológicos disseminados socialmente quando a escola se torna um campo de batalha em torno de um determinado modelo de sociedade; para tanto o presente material traz, além dessa introdução, uma primeira seção na qual desenvolve-se sobre o acoplamento ideológico do Bolsonarismo com o militarismo. Na segunda, aborda-se a militarização promovida por meio do Pecim. Na terceira apresentam-se os procedimentos metodológicos, na quarta e a quinta seções são expostos os achados da pesquisa. A penúltima sessão, antes das considerações finais, discute e aprofunda sobre os reflexos disso no contexto das escolas cívico-militares.

BOLSONARISMO-MILITARISMO

Fenômenos populistas, sejam eles de esquerda ou de direita, podem ser interpretados como uma ideologia que tem o seu núcleo estreito/fino (Mudde; Kaltwasser, 2017). Isso significa dizer que, por si só, são incapazes de fornecer respostas que sejam suficientemente abrangentes em relação às políticas que as sociedades demandam na atualidade. De modo que, para dar conta disso, acoplam-se a outras ideologias mais fortes (como o conservadorismo, comunismo, neoliberalismo, nacionalismo, entre outras) uma vez que essas últimas teriam uma estrutura mais robusta o que lhes conferiria maior densidade ao conjunto de reivindicações que defendem (Mudde; Kaltwasser, 2017; Mudde, 2019). O populismo Bolsonarista deixou evidente esse tipo de acoplamento através de sua adesão, também, à ideologia militarista, ou simplesmente militarismo (Andrade, 2021).

De acordo com Castro (2021), 'o espírito militar' se fundamenta em um conjunto de princípios valorizados e apoiados na noção de integridade moral, enquanto o militarismo representa uma forma distorcida e exagerada desse conceito. Nesta ideologia a cultura militar ainda é amparada por princípios próprios do *ethos* militar como disciplina e hierarquia, no entanto, eles se deformam e tornam-se autoritarismo, agressividade e apego à violência (Da Silva, 2014).

No contexto brasileiro, o militarismo baseia-se na convicção de que fora do âmbito militar prevalece a corrupção, assim como acredita-se que todas as ações realizadas por militares são mais eficientes do que quando feitas por civis (Da Silva, 2014). Perspectiva que se transforma em declarações que destacam as forças armadas como sendo "um dos poucos atores sociais que ainda têm legitimidade para trazer de volta os valores tradicionais esquecidos" (Solano, 2018, pp. 24-25).

Essa ideologia militarista também é ancorada em um propósito de aniquilamento de determinado inimigo (Johnson, 2019). Visto sob essa ótica o militarismo serve como recurso potencializador do antagonismo populista basilar - nós

GOMES, G. M.

versus eles – o qual divide a sociedade entre uma ‘elite corrupta’ *versus* um ‘povo puro’ (Mudde; Kaltwasser, 2017; Mudde, 2019). Todavia, em movimentos populistas de direita radical, a definição de quem vem a ser o povo (puro) e a elite (corrupta) varia conforme cada contexto.

No Bolsonarismo, de modo geral, o ‘povo’ está ancorado na ideia do “cidadão de bem”. De acordo com Costa (2021), a ideia de um “cidadão de bem” reflete um forte e antigo repúdio ao pluralismo e à democracia presentes em diferentes segmentos da sociedade brasileira. Já a ‘elite’ tem sua definição relacionada com capacidade de poder e influência (Mudde, 2019). Isso faz, por exemplo, com que professores, jornalistas, intelectuais, influenciadores digitais possam ser considerados membros da elite devido a sua capacidade de influência/poder sobre uma audiência cativa. O aspecto ‘corrupto’, atrelado a essa ‘elite’ é normalmente utilizado em alusão à esquerda política criticada por supostamente corromper o país com seus ideais pós-modernistas e com o “marxismo cultural” (Mudde, 2019).

PECIM: UMA IDEOLOGIA (TAMBÉM) SE ASSENTA EM INTERESSES MATERIAIS

Difundido como uma política pública para educação de jovens pertencentes a parcelas economicamente pobres da população e com idades entre 11 e 17 anos, o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim) foi lançado em 2019 com a meta de implantar mais de duas centenas de escolas cívico-militares (Ecim) em todo o país até 2023 (Brasil, 2021).

Essas escolas, pertencentes a rede pública de educação, após aderirem ao Pecim, passaram a incorporar militares - o que inclui as Forças Armadas ou Forças Auxiliares como policiais e bombeiros - para atuar na administração escolar assim como diretamente com os/as alunos/as com o objetivo de lhes desenvolver em relação a “modos de disciplina, hierarquia e ideais nacionalistas” (Brasil, 2020; Brasil, 2021, n.p).

O Programa foi criticado por diversos setores da sociedade brasileira em especial por entidades ligadas à educação e aos direitos humanos. Entre as críticas estavam aquelas relacionadas à destinação de recursos públicos para fins militares (Almeida Santos, et.al, 2019). No que tange a esse assunto, dados divulgados pela imprensa revelaram que os montantes destinados para o Pecim foram progressivamente ampliados. De 2020 a 2021 houve um aumento de cerca de 328% e do ano de 2021 ao ano de 2022 a ampliação de recursos chegou a 139% em relação aos investimentos inicialmente projetados pelo governo (O Globo, 2022). No entanto, mais da metade dos recursos financeiros foram repassados ao Ministério da Defesa como forma de (extra) remuneração aos militares e não propriamente para as unidades escolares aderentes ao programa no que se refere, por exemplo, à compra de materiais escolares ou mesmo melhoria da infraestrutura destes locais (ver Brasil, 2020b).

Militares inativos das Forças Armadas são o público-alvo do programa (Brasil, 2020c) e, à medida que as escolas se tornaram militarizadas, viu-se uma significativa abertura de espaço para a realocação desse grupo. Essas realocações, por sua vez, foram (e são) muito bem remuneradas já que os valores pagos aos militares incluem um bônus de 30% sobre seus soldos como inativos, além de benefícios como auxílio-alimentação, férias e gratificação natalina. Com o bônus de 30% é calculado sobre a renda bruta que

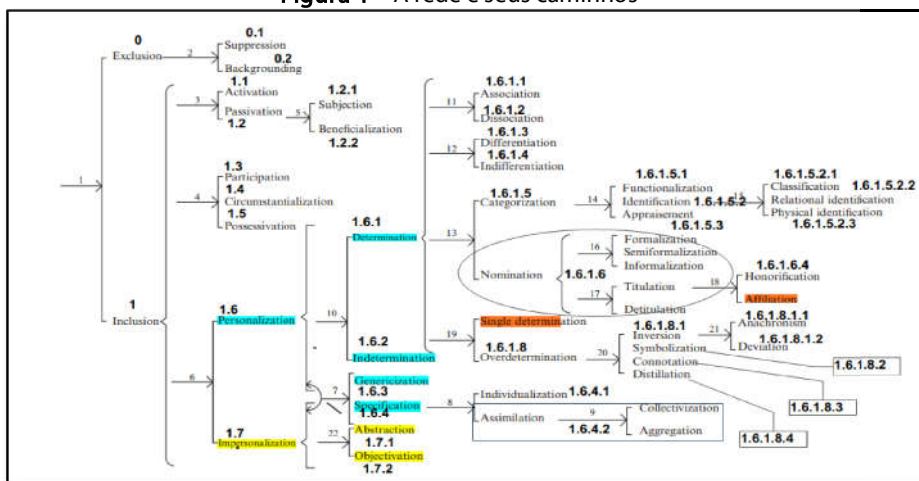
já recebem, um coronel, por exemplo, recebe mensalmente mais de 20 mil reais para fazer parte do Pecim (Fiquem Sabendo, 2021).

Esses dados revelam a respeito de interesses financeiros, econômicos e de status dos grupos militares. Indicam também sobre a formação de um novo 'mercado' na área da educação para um grupo social particular, que mesmo fora de sua área de formação/experiência profissional original, passa a receber ganhos financeiros extras que excedem, em muito, os salários de profissionais da área como os próprios professores.

PROCEDIMENTOS, MÉTODOS DE ANÁLISE E CORPUS DA PESQUISA

Existem diferentes abordagens para Análise Crítica do Discurso (ACD). Nesse estudo se faz uso daquela desenvolvida por Theo Van Leeuwen (2007, 2008). Para esse autor o conhecimento sobre os conteúdos ideológicos daquilo que se intenciona legitimar socialmente é passível de ser investigado a partir do modo como os atores sociais são textualmente representados (Van Leeuwen, 2008). Quanto a isso parece relevante esclarecer que textos são as unidades mais básicas em ACD e podem ser escritos, falados, visuais (uma imagem, um vídeo), podem ser verbais ou não verbais (um modo de se vestir, de andar, uma postura). No modelo de análise adotado neste estudo utiliza-se uma 'rede representação' conforme se observa na figura 1 a seguir.

Figura 1 – A rede e seus caminhos



Fonte: Adaptado pela autora a partir de Van Leeuwen (2008).

Para realizar esta investigação, foram executadas as seguintes atividades: i) transcrição dos materiais que estavam em forma de vídeo, ii) integração desses aos demais conteúdos escritos, iii) padronização de todo o conteúdo em PDF para viabilizar a catalogação e análise, e iv) seleção de palavras-chave. Quanto ao processo de análise,

na etapa inicial, a pergunta principal foi: quais são os grupos sociais mais mencionados nos textos? (Vieira; Resende, 2016). O procedimento evidenciou sobre dois grupos mais representativos em termos quantitativos (número de citações) e qualitativos (pertinência quanto questão norteadora) os quais foram definidos como os atores centrais em análise: professores e militares.

Na etapa seguinte, examinou-se as táticas discursivas de legitimação (Van Leeuwen, 2008). A questão principal desta fase foi: o que está sendo comunicado, de que forma e por quem? (Vieira; Resende, 2016). Neste momento analisou-se como os grupos de indivíduos destacados como centrais eram retratados em relação às suas atuações, reações e comportamentos (Van Leeuwen, 2008). Tal procedimento levou à conclusão de que os militares eram frequentemente representados por meio de simbolização e os professores por meio de desvio e/ou ativação/passivação. A figura 2, a seguir, resume o conteúdo de cada um desses modos de representação e apresenta o código identificador (ID) utilizado para identificá-las a partir da rede proposta pelo autor (cf. figura 1, acima).

Figura 2 – Descrição das formas de representação

<i>CÓDIGO IDENTIFICADOR (ID) NA REDE</i>	<i>MODOS DE REPRESENTAÇÃO</i>	<i>CARACTERÍSTICAS CONSIDERADA NAS ANÁLISES</i>
1.1	Ativação (Activation)	Os atores sociais são representados como ativos, ou seja, como forças dinâmicas em uma atividade, realizando-as.
1.2	Passivação (Passivation)	Os atores sociais são representados como submetidos a uma atividade ou como estando no lado receptor dela.
1.6.1.8.1.2	Desvio (Deviation)	Assim como na simbolização o desvio é uma forma de sobredeterminação, ou seja, quando os atores sociais são representados como participantes, ao mesmo tempo, em mais de uma prática social. Em caso de desvio, os atores são representados participando de outra prática na qual não deveriam estar envolvidos. Por esse motivo o desvio aglutina camadas, em certas perspectivas, negativas à forma de representação.
1.6.1.8.2	Simbolização (Symbolization)	A simbolização ocorre quando um ator social (ou grupo de atores) "fictício" - e aqui podemos entender como alguém ou um grupo que tenha um caráter mítico/idealizado (como os militares e a organização militar na sociedade brasileira, por exemplo) -, representa, também, outros atores ou grupos em práticas sociais não ficcionais. E linhas gerais, na simbolização determinado grupo é usado como "símbolo" de algo idealizado/ficcional e que age em prol de uma "sociedade fraca" a qual "são encarregados de defender" (VAN LEEUWEN, 2008, p. 49).

Fonte: elaborado pela autora com base em Van Leeuwen (2008).

A definição do conjunto de textos que constituem a pesquisa (*corpus*) ocorreu à medida que todos os materiais analisados abordam sobre a mesma prática social (Van Leeuwen, 2008), no caso, a militarização de escolas civis. Assim, o *corpus* é derivado de a) documentos oficiais divulgados pelo Ministério da Educação (MD) entre eles o manual das Escolas Cívico-Militares e Seminários sobre 'boas práticas' nessas escolas; b)

declarações e entrevistas de pessoas envolvidas diretamente com o Programa como o atual ex-presidente Jair Bolsonaro, o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub, o primeiro diretor de Políticas para Escolas Cívico-Militares Aroldo Cursino e o segundo diretor Gilson de Oliveira e, por fim, c) entrevistas provenientes de informantes. O quadro (3) a seguir detalha a codificação utilizada, os conteúdos de cada fonte e sua extensão.

Figura 3 - Corpus da Pesquisa

<i>CÓDIGO</i>	<i>CONTEÚDO</i>	<i>EXTENSÃO</i>
<i>M1</i>	REGULAMENTO	75 págs.
<i>M2</i>	PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO	80 págs.
<i>M3</i>	PROJETO VALORES	23 págs.
<i>M4</i>	APOIO PEDAGÓGICO	14 págs.
<i>M5</i>	AVALIAÇÃO	13 págs.
<i>M6</i>	SUPERVISÃO	14 págs.
<i>M7</i>	GESTÃO	20 págs..
<i>M8</i>	CONDUTA E ATITUDES	30 págs.
<i>M9</i>	USO DE UNIFORMES	20 págs.
<i>M10</i>	CARTILHA PARA OS RESPONSÁVEIS	2 págs.
<i>PR1L</i>	DISCUSOS OFICIAIS	49 min.
<i>PR2I</i>	DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA	2 págs.
<i>PR3C</i>		64 min.
<i>Min1</i>	ENTREVISTA EX-MINISTRO (YOUTUBE)	16 min.
<i>IT</i>	PROFESSORA	38 min.
<i>IFF</i>	PAI DE ALUNA	62 min.
<i>IG</i>	AVÓ DE ALUNA	52 min.
<i>IM</i>	MÃE DE ALUNO	47 min.
<i>IFM</i>	PAI DE ALUNO	60 min.
<i>Diret.Pecim1</i>	AROLDO CURSINO (YOUTUBE)	27 min.
<i>Diret.Pecim2</i>	GILSON DE OLIVEIRA (YOUTUBE)	58 min.
<i>Semin1</i>	1º SEMINÁRIO NACIONAL DE BOAS PRÁTICAS DO PECIM - 1º DIA (YOUTUBE)	240 min.
<i>Semin2</i>	1º SEMINÁRIO NACIONAL DE BOAS PRÁTICAS DO PECIM - 2º DIA (YOUTUBE)	300 min.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A próxima seção apresenta e discute os achados da pesquisa sendo que os fragmentos textuais utilizados como ilustração dos resultados das análises serão seguidos dos códigos identificadores/referenciadores presentes na figura acima (figura 3).

MILITARES COMO DEFENSORES DO 'POVO PURO'

O posicionamento discursivo dos militares como defensores do povo (ou do "cidadão de bem" no léxico Bolsonarista) se mostrou como elemento de destaque nos textos analisados. O modo de representação que melhor esclarece sobre os teores disso

GOMES, G. M.

dentro do modelo de análise adotado é a simbolização (1.6.1.8.2). O excerto a seguir ilustra sobre a perspectiva na qual esse grupo é descrito como salvadores de uma ideia de pátria/nação como se observa em: "As Forças Armadas destinam-se a defender a pátria e garantir os poderes constitucionais, missão desempenhada com compromisso e dedicação pelos seus profissionais [...]" (M2, p. 46).

Esse lugar é discursivamente construído à medida que militares, de forma generalizante, são representados como uma "classe" de sujeitos que seria profissional e moralmente superior como se observa em: "o sentimento do dever, o pundonor militar e o decoro da classe impõem, a cada um dos integrantes das Forças Armadas, das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares conduta moral e profissional irrepreensíveis" (M3, p. 46)

No trecho anterior (M3, p. 46) pode-se observar que a "classe" militar seria caracterizada por um tipo de distinção que faria com que todos os seus membros tivessem uma conduta profissional e moral acima dos demais cidadãos e sobre a qual não se poderia, portanto, ser feita nenhuma crítica. Nesta ótica, militares seriam considerados indivíduos "irrepreensíveis". Não obstante, isso seria o resultado de uma obediência rigorosa a princípios éticos previamente estabelecidos tais como:

M3, p. 46- 47 - [...] amar a verdade e a responsabilidade como fundamento de dignidade pessoal; cumprir e fazer cumprir as leis, os regulamentos, as instruções e as ordens das autoridades competentes; ser justo e imparcial no julgamento dos atos e na apreciação do mérito dos subordinados; zelar pelo preparo próprio, moral, intelectual e físico e, também, pelo dos subordinados, tendo em vista o cumprimento da missão comum; empregar todas as suas energias em benefício do serviço; praticar a camaradagem e desenvolver, permanentemente, o espírito de cooperação; ser discreto em suas atitudes, maneiras e em sua linguagem escrita e falada; abster-se de tratar, fora do âmbito apropriado, de matéria sigilosa de qualquer natureza; observar as normas da boa educação; garantir assistência moral e material ao seu lar e conduzir-se como chefe de família modelar [...]

No trecho acima podemos perceber que este grupo é representado como possuidor de características quase heroicas/míticas (Van Leeuwen, 2008). Em outras palavras, os militares seriam aqueles que seguem rigorosamente todas as leis e regulamentos sociais, possuindo um senso de justiça e imparcialidade tal que lhes permitiria avaliarem a si mesmos, bem como avaliarem a conduta de todos os demais. Seriam, além de colaborativos, discretos não apenas na maneira como se apresentam socialmente, mas também em suas ações, palavras e escritos; seriam, ainda, indivíduos que guardam segredos ("informações confidenciais"), educados e "chefes" exemplares em suas famílias.

Outrossim, esses princípios estariam intimamente ligados aos "valores militares" com destaque o "culto das tradições históricas" (M3, p.46). Este é um componente relevante na análise, visto que exterioriza sobre o lado conservador do militarismo em relação à preservação das práticas tradicionais ligadas a manutenção (inquestionável) de crenças e costumes arraigados (Boer, 1980). Não obstante, tal "culto as tradições" (M3, p.46) se mostrou fortemente ancorado em uma idealização anacrônica sobre um

passado pautado na sobrevalorização de estruturas de respeito hierarquizadas que não significam, necessariamente, uma consideração em relação ao outro quanto às diversidades, às diferentes perspectivas e pontos de vista. Ao contrário, seu conteúdo mostrou-se mobilizado pelo desrespeito como forma de garantia de um idealizado estado de ordem como ilustra o excerto a seguir:

PR3C - [...] quando o professor chegava na sala de aula, não tinha conversa. De vez em quando algum aluno fazia xixi nas calças porque ficava inibido em pedir para o professor para ir no banheiro, eu lembro na minha escola, em 1964, Grupo Coronel Siqueira de Moraes lá em Jundiá. Eu morava no Vianello e ia a pé para a escola. Quantas vezes nós assistimos ali, como um castigo para o aluno que tinha feito algo de errado, sentar numa carteira que era dupla ao lado de uma menina e a gente ficar vermelho de vergonha. Era uma forma de castigá-los.

O anacronismo mobilizado por conteúdos desse tipo (violência, sevícia, expiação), como no texto acima, expõem sobre possíveis razões pelas quais o Bolsonarismo faz apelo ao período ditatorial brasileiro visto, de acordo com seus defensores, como um período histórico que deveria ser resgatado (Solano, 2018). O que, por sua vez, acaba encontrando formas de manifestação no campo da educação através da militarização, situação em que os militares surgem representados como agentes capazes desse resgate. A frase de Bolsonaro durante o lançamento do Pecim é explícita quanto a isso “Nós queremos integrar, botar na cabeça de toda essa garotada a importância dos valores cívico-militares como tínhamos há pouco, no governo militar” (PR1L).

PROFESSORES COMO PARTE DA ‘ELITE CORRUPTA’

Professores surgiram representados como parte da ‘elite corrupta’. Aspecto já identificado em movimentos populistas de direita radicalizados (Mudde, 2019; Rocha, 2019; Sant; Brown, 2021). O modo de representação que melhor esclarece sobre os teores disso é o desvio (1.6.1.8.1.2). Todo desvio é uma forma de sobredeterminação, ou seja, a ideia central é a de que os atores sociais estariam participando - ao mesmo tempo - de duas ou mais práticas sociais.

A prática social na qual os docentes surgem (desviantemente) sobredeterminados nos textos, que ultrapassaria seu fazer profissional, seria a da militância política. Essa concepção parte do pressuposto de que existiria uma disseminação ideológica ampla nas escolas públicas do Brasil com o intuito de promover ideais de esquerda ou simplesmente ideias 'comunistas', conforme o vocabulário Bolsonarista. O cerne disso está na crença de que a esquerda teria desistido de uma presumida luta armada para instaurar uma ditadura do proletariado e passado a focar em questões culturais (arte, literatura, música, cinema e demais formas de expressão humana) travando uma espécie de guerra cultural (Rocha, 2021).

GOMES, G. M.

Aspecto que se destacou de forma explícita no capítulo quatro do Manual das Escolas Cívico-Militares intitulado de forma curiosa (ou não) de 'fundamentação teórica e filosófica' (M1, p. 10). Neste capítulo, os autores utilizam como exemplo um momento histórico marcado pela polarização e conflito entre duas potências mundiais, uma comunista e outra capitalista, para argumentar que "a escola deve estar atenta às demandas da sociedade" (M1, p. 10) como mostra o trecho a seguir:

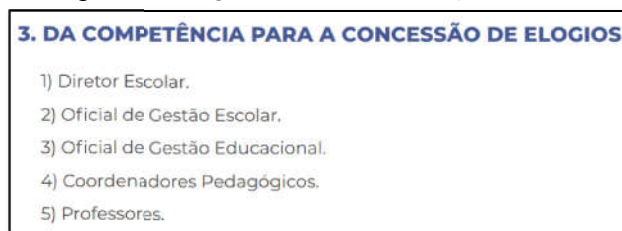
M2, p. 10 - Outro exemplo de como a escola deve estar atenta às demandas da sociedade foi o lançamento do primeiro satélite artificial Sputnik I pela antiga União Soviética (URSS), em 1957. [o que] causou um grande desapontamento da sociedade norte-americana com a escola pública daquele país.

Assim como se mostrou na fala de Bolsonaro (PR3C) durante a solenidade de certificação das Escolas Cívico-Militares como se vê em: "E o que acontece de errado no Brasil nas últimas décadas, há um desvirtuamento [...], uma militância imperando em sala de aula" (PR3C) ou, ainda, na entrevista concedida por um de seus ex-ministros da educação Abraham Weintraub (Min1) sobre tais escolas:

[...] em a nossa sociedade foi esgarçada pelo marxismo cultural. Infelizmente a nossa sociedade hoje, não só no Brasil, no mundo, o feio virou bonito, o errado virou certo. E aí quando você resgata lá no fundo a disciplina militar ela dá uma estancada" (Min1).

A representação desse grupo como desviante serviu como estratégia discursiva e também operacional para que professores fossem reposicionados nas Ecim em posições subalternizadas. O que ajuda a esclarecer sobre sua representação, também, por passivação (1.2), ou seja, como sujeitos passivos nas ações as quais se viam envolvidos. Um dos componentes do *corpus* que evidencia sobre esse lugar subalternizado aos quais professores são projetados pode ser ilustrado em uma atividade aparentemente banal, mas bastante simbólica que se refere à "Concessão de Elogios" aos alunos (M8, p. 9). Como se observa na imagem a seguir (figura 4), docentes passaram a ser os últimos, no quadro geral da escola, como aqueles considerados aptos a conceder elogios aos alunos nesses locais:

Figura 4 – O lugar subalternizado dos professores



Fonte: M8, p. 9.

MODOS DE REPRESENTAÇÃO E SEUS EFEITOS PRÁTICOS

Formas de representação podem moldar percepções, atitudes e comportamentos em relação aos diferentes grupos e isso, por sua vez, produz efeitos sociais (Van Leeuwen, 2008). De modo que a relação entre uma representação depreciativa dos professores e outra apologética aos militares produz efeitos práticos no campo educativo. Como as interferências no ambiente escolar são ocasionadas pela inserção dos militares em um quadro organizacional ao qual não faziam parte, toma-se como mote este grupo para a discussão a seguir.

O modo de representação dos militares favoreceu que fossem posicionados como responsáveis pela resolução de conflitos no ambiente escolar como o que prevê o capítulo cinco do manual intitulado “Do corpo dos monitores” (M1, p. 29) o qual define as “atribuições” dos militares:

M1, p. 31-32 (grifos meus) - Atender aos responsáveis dos alunos sempre que solicitados, tratando-os com respeito e civilidade; procurar resolver os conflitos entre as pessoas no ambiente escolar com base no diálogo e na negociação.

Assim como predispôs que militares se constituíssem como agentes que contam com informantes, ou seja, como aqueles que se valem de fontes de informação particulares. Aspecto que se mostra representado na figura dos alunos ‘chefe de turma’. Posição que remete a um simulacro do que seria a figura do aluno líder de turma (em um contexto civil), mas que dentro dessas escolas assumem “atribuições” fiscalizatórias como “informar aos monitores [militares]” sobre a ausência de seus colegas ou sobre “quaisquer ocorrências com o material da sala de aula”, bem como monitorar o tempo do professor em sala de aula (M1, p. 55).

Esses aspectos revelam sobre interferências diretas e indiretas no processo educativo e sobre isso também é ilustrativo o fato dos militares passarem a atuar diretamente com os alunos como descrito em:

M2, p. 48 - O objetivo dos monitores é contribuir, especialmente, na formação ética, moral, afetiva, social e simbólica, com palestras, bate papos, relatos de experiências vividas, exigência do cumprimento das normas escolares, orientações e retiradas de dúvidas dos alunos sobre diferentes assuntos [...]

O trecho acima representa os militares como tendo o “objetivo” (M2, p.48) de colaborar com o desenvolvimento dos alunos. Isso evidencia sobre como ideias contrárias a ciência, ou seja, de cunho anticientificista e presentes em governo radicalizados (Mudde, 2019) podem encontrar canais de legitimação social através da militarização. Ocorre que à medida que militares passam a interagir diretamente com os estudantes utilizando-se como suposta fundamentação teórica e metodológica “suas experiências vividas” (cf. M2, p. 48) isso insere a educação escolar dentro de um lugar de senso comum. Dito de outra forma, retira da educação sua condição de fazer científico e

GOMES, G. M.

que se articula através de múltiplas áreas do conhecimento como pedagogia, didática entre outras.

Interferências, também, no processo educativo como aquelas diretamente relacionadas ao quadro escolar como um todo e quanto a isso cabe observar:

M1, p. 8 (grifos meus) - Art. 18. *O Oficial de Gestão Escolar [um militar] é o assessor do Diretor nos assuntos referentes às áreas educacional, didático-pedagógica e administrativa e tem as seguintes atribuições: I – assessorar o Diretor na implantação do modelo das Ecim; II – participar da capacitação dos profissionais da escola para a implantação do modelo das Ecim; III – atuar na supervisão às atividades da gestão educacional; IV – assessorar o Diretor na gestão administrativa da escola; V – assessorar o Diretor na gestão didático-pedagógica, nos assuntos referentes às especificidades do modelo das Ecim; VI – acompanhar o Diretor nas formaturas gerais e nas solenidades cívico-militares da escola; VII – participar da apuração, da aplicação e do julgamento de recursos de medida educativa dentro da sua competência funcional e de acordo com as Normas de Conduta e Atitudes; e VIII – manter contato com o Ministério da Defesa sobre assuntos relacionados aos militares.*

Conforme se observa no trecho acima, as responsabilidades dos militares incluem colaborar com os professores para garantir a aplicação dos modelos educacionais propostos pelo Programa (M1). Isso mostra sobre dois aspectos: i) a capacidade que é imputada aos militares para interferir em questões educacionais, o que é questionável, uma vez que não possuem formação na área da educação como um pré-requisito para fazer parte do Pecim (Brasil, 2020c); e ii) a falta de formação pedagógica dos militares também levanta dúvidas sobre sua capacidade de ação em relação aos alunos.

Com efeito isso produziu um conjunto de eventos que colocam em questão a qualidade ou mesmo a legalidade da educação disseminada nesses locais. Como o episódio que ocorreu durante a pandemia de Covid-19 quando, com a intenção de reduzir as taxas de evasão escolar, “a equipe de monitores [militares] criou um mecanismo próprio”, qual seja, bloquear o acesso a cartões de alimentação às famílias cujos filhos não estivessem “presentes” das aulas virtuais (cf. Semin2). Ação que poderia ser considerada como ilegal uma vez que a Lei 13.987/20 assegurava a distribuição de alimentos - independentemente da frequência escolar - durante a pandemia.

Ou ainda, quando critérios de avaliação dos alunos foram remodelados sob uma perspectiva moralista à medida que os mesmos passaram a ser classificados como ‘maus’ ao não atingiam os objetivos propostos no Programa, como ilustra a imagem a seguir (figura 5). E quanto a isso é importante levar em conta que o adjetivo ‘mau’ quando relacionado a pessoas é utilizado para indicar sobre “alguém que faz maldades”, ou seja, adquire um caráter moral/valorativo em contraste, por exemplo, com a expressão ‘mal’ que indica algo feito de forma incorreta em termos do resultado esperado (Neves, 2020). Em síntese ‘mau’ é o contrário de bom (ser bom) e ‘mal’ é o contrário de bem (ir bem).

Figura 5 – Uma perspectiva moralista de avaliação

1) O comportamento dos alunos é classificado por grau numérico, de acordo com o seguinte critério:	
a) Grau 10.....	EXCEPCIONAL
b) Grau 9 a 9,99.....	ÓTIMO
c) Grau 6 a 8,99.....	BOM
d) Grau 5 a 5,99.....	REGULAR
e) Grau 3 a 4,99.....	INSUFICIENTE
f) Grau 0 a 2,99.....	MAU

Fonte: M8, p. 7.

A representação dos militares como figuras quase heroicas/quase míticas criou, adicionalmente, condições para que esse grupo fosse alçado a uma posição de garantidores de um sentimento (ou “sensação”) de segurança no ambiente escolar e fora dele, como se vê em:

IFF – [...] e eu era um pai assim que tinha que levar ela e trazer pro colégio, devido à criminalidade que se tornou ali, drogas... os jovens iam ali para fazer hostilidade com as meninas, então... eu vi, me criei naquela escola e ficava muito triste de ver que estava regredindo né, pra mim não tinha jeito, mas fiquei feliz quando disseram que iriam vir os militares [...] Porque assim, aonde a segurança não está, a insegurança está, né?

Com base no trecho acima, que mostra sobre a fala de um pai de uma aluna de uma escola cívico-militar (IFF), a militarização promoveria um ambiente de proteção em relação à incidência de drogas, crimes sexuais ou de gênero. Familiares têm razão ao afirmar que a escola não garante a segurança necessária para seus filhos, conforme mencionado neste texto. No entanto, a violência não se limita ao ambiente escolar ou aos arredores, ela espelha o que existe na sociedade como um todo, uma vez que está enraizada em um contexto social mais complexo e abrangente.

Também a representação dos militares favoreceu que assumissem simbolicamente, nessas escolas, o lugar de agentes beneficiadores das famílias:

IFM - Sim, com os militares têm disciplina, eles [os alunos] entram em fila, não entram se empurrando, eles falam baixo, conversam baixo, né? Então, pra mim isso é muito bom, e para o meu filho já despertou um lado também de ele se tornar um militar... abriu a mente dele para algo grande, né?

Aquilo que é mencionado acima como sendo "algo grande" reforça sobre esta representação altiva/imponente dos militares, evidenciada ao longo do material analisado. No texto acima, tal representação encontra adesão no anseio de um pai (IFM) em relação ao seu filho no sentido de que ele obedeça às regras estabelecidas. Esse desejo de conformidade, por sua vez, está inserido em um contexto social que valoriza a padronização em detrimento da singularidade, uma vez que as formas de disciplina

GOMES, G. M.

mencionadas nesse fragmento textual atuam como meios de uniformização (como se comportar na fila, o tom de voz apropriado) que, quando aplicadas - em uma perspectiva que vê a educação principalmente como ferramenta disciplinadora - seriam consideradas como algo "muito bom".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos apresentados nesse estudo evidenciam sobre um conjunto de desafios que são postos à educação a partir da militarização promovida por partidos populistas de direita radical. Dentro dos os quais está a (re)produção de perspectivas antipluralistas, moralistas e anticientificistas como mostrou a investigação.

Diversas frentes de pesquisa podem surgir a partir deste estudo o que incluiria, por exemplo, a exploração de outros atores sociais (pais, familiares e outros agentes do quadro técnico-escolar), assim como processos discursivos de deslegitimação que expressem, por exemplo, sobre as formas de resistência à militarização escolar.

Por fim, parece urgente alargar espaços de enfrentamento e nesse interim concordo que "o papel da educação é crucial na luta contra o populismo" (Sant; Brown, 2021, p. 418). Função que pode ser exercida por meio da desconstrução dos elementos formadores desse tipo de discurso ideológico, conforme empenhou-se essa pesquisa, assim como através da valorização dos pequenos laços de apoio mútuo, não invariavelmente, abalados por movimentos extremistas de direita.

Artigo recebido em: 04/05/2024

Aprovado para publicação em: 24/07/2024

MILITARISM-POPULISM AND ITS EFFECTS ON EDUCATION

ABSTRACT: Using Critical Discourse Analysis, this study investigated the effects of the coupling of Bolsonarism with militarism based on the way teachers and military personnel are represented in texts related to the National Program of Civic-Military Schools (PECIM). The results show the overvaluation of the image of the military as defenders of an ideal of homeland and nation accompanied by ways of devaluing teachers characterized as deviants of their technical-professional work. As the research demonstrates, such forms of representation produce practical effects on school dynamics while disseminating anti-pluralist, moralist and anti-scientific ideological content from these places.

KEYWORDS: Populism; Militarism; Critical Discourse Analysis; Education.

EL MILITARISMO-POPULISMO Y SUS REFLEJOS DESDE LA EDUCACIÓN

RESUMEN: Utilizando el Análisis Crítico del Discurso, este estudio investigó los efectos del acoplamiento del bolsonarismo con el militarismo a partir de la forma en que docentes y militares

son representados en textos relacionados al Programa Nacional de Escuelas Cívico-Militares (Pecim). Los resultados resaltan la sobrevaloración de la imagen de los militares como defensores de un ideal de patria y nación acompañada de formas de desvalorización de los docentes caracterizados por desviarse de su labor técnico-profesional. Como demuestra la investigación, tales formas de representación producen efectos prácticos en la dinámica escolar al tiempo que difunden contenidos ideológicos antipluralistas, moralistas y anticientíficos desde estos lugares.

PALABRAS CLAVE: Populismo; Militarismo; Análisis Crítico del Discurso; Educación.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA SANTOS, C.; ALVES, M.; MOCARZEL, M.; MOEHLECKE, S. Militarização das escolas públicas no Brasil: um debate necessário. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v.35. n. 3, p. 580-591, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21573/vol35n32019.99295>. Acesso em: 3 nov. 2022
- ANDRADE, D. P. Neoliberalismo e guerra ao inimigo interno: da Nova República à virada autoritária no Brasil. **Caderno CRH**, n. 34, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.44901>. Acesso em: 3 nov. 2022
- BOER, N. **Militarismo e clericalismo em mudança e sua repercussão na educação**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 2.015**. Brasília: Ministério da Educação, 2019 Disponível em: <https://bit.ly/3VZbGUH>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Manual das escolas cívico-militares (primeira edição)**. Brasília: Ministério da Educação, 2020. Disponível em <https://bit.ly/3sz8K32>. Acesso em: 3 nov. 2022
- BRASIL. Ministério da Educação. **Saiba quais são as 54 escolas que receberão o modelo cívico-militar do MEC**. Brasília: Ministério da Educação, 2020b. Recuperado de <https://bit.ly/41BElw5>.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1071, de 23 de dezembro de 2020. Brasília. Ministério da Educação, 2020c. Disponível em: <https://bit.ly/3W27EdU>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Site do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares**. Brasília: Ministério da Educação, 2021. Disponível em: <http://escolacivicomilitar.mec.gov.br>. Acesso em: 3 nov. 2022

GOMES, G. M.

CASTRO, C. **O espírito militar**: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

COSTA, J. F. A. Quem é o “cidadão de bem”? **Psicologia USP**, v. 7, n. 32, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190106>. Acesso em: 3 nov. 2022.

DA SILVA, J. Militarismo. In SANSONE, L.; Furtado, C. **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: Editora EDUFBA, 2014, p. 349-362.

FIQUEM SABENDO. **Quem são e quanto recebem os servidores militares que atuam nas escolas cívico-militares**. Don't LAI to Me #48, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3HAGeYo>. Acesso em: 3 nov. 2022.

JOHNSON, B. The erotic as resistance: queer resistance at a militarized charter school. **Critical Military Studies**, v. 5, n. 3, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1080/23337486.2019.1608702>. Acesso em: 3 nov. 2022

LYNCH, C; CASSIMIRO, P. **O populismo reacionário**: ascensão e legado do bolsonarismo. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022

MAZUI, G. Bolsonaro chama coronel Brillhante Ustra de 'herói nacional'. São Paulo, **G1**, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/40H2iq9>. Acesso em: 3 nov. 2022

MUDDE, C. **The far right today**. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2019.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. R. **Populism: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

NEVES, F. Qual a diferença entre mal e mau? São Paulo: **Dicionário Norma Culta**, 2019. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/mal-ou-mau/>. Acesso em: 3 nov. 2022.

O GLOBO. Minoria no país, escolas cívico-militares têm orçamento triplicado. São Paulo, **G1**, 2022. Disponível e: <https://bit.ly/3VU9cXs>. Acesso em: 3 nov. 2022

ROCHA, J. C. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

SANT, E; BROWN, T. The fantasy of the populist disease and the educational cure. **British Educational Research Journal**, v. 47, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/berj.3666>. Acesso em: 3 nov. 2022.

SOLANO, E. **Crise da democracia e extremismos de direita**. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2018.

VAN LEEUWEN, T. Legitimation in discourse and communication. **Discourse & communication**, v. 1, n.1, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1750481307071986>. Acesso em: 3 nov. 2022.

VAN LEEUWEN, T. **Discourse and practice**: New tools for critical discourse analysis. Oxford: Oxford University Press, 2008.

VIEIRA, V; RESENDE, V. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes, 2016.

GREICE MARTINS GOMES: Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) com sanduiche pela universidade de Coimbra, Portugal (UC-PT), Especialista em Psicologia Organizacional e Graduada em Administração.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0996-8814>
E-mail: greice.martins.gomes@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).